

# PRÁTICAS DISCURSIVAS DE LEITURA E DE ESCRITA AFORÍSTICAS NO *TWITTER*: UMA FORMA DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>



*Maria Regina Momesso*<sup>2</sup>

*Facebook, Twitter, LinkedIn, Foursquare, G+, Youtube* são algumas das redes sociais existentes no mundo promotoras da produção, da circulação, da recepção de práticas discursivas, de leitura e de escrita. Essas práticas atuam como uma das formas do indivíduo contemporâneo se expressar, colocar-se no mundo de maneira a tornar-se visível e/ou conhecido e/ou importante e/ou construir-se enquanto um ser que participa ativamente de seu tempo e que almeja ser reconhecido como tal.

Na internet, a cada dia, são apresentados números cada vez maiores de usuários e frequentadores do mundo das mídias sociais, por exemplo, no site *BizRevolution*<sup>3</sup> afirma-se que 11% da população mundial tem conta no *Facebook* e, destes, 50% entra nesta rede todos os dias. O *Twitter* tem mais de 225 milhões, o *LinkedIn* 135 milhões e o *YouTube* têm mais de 500 milhões de usuários.

Esses suportes das comunidades virtuais tornaram-se conhecidos como dispositivos de expressão, comunicação e socialização, em que o

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de pesquisa sobre práticas de leitura e de escrita no *Twitter* desenvolvida pela autora junto ao Projeto Observatório da Educação – Edital 2010, intitulado “Linguagens, Códigos e Tecnologias: Práticas de Ensino de Leitura e Escrita na Educação Básica – Ensino Fundamental e Médio” do Mestrado em Linguística da UNIFRAN. Algumas das análises e resultados deste trabalho já foram apresentados em congressos, tais como: ALFAL em Alcalá de Henares em junho de 2011 e na ALED em Belo Horizonte em novembro de 2011.

<sup>2</sup> Coordenadora e professora do Mestrado em Linguística da Universidade de Franca. E-mail: reginamomesso@uol.com.br e/ou reginamomesso@unifran.br

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.bizrevolution.com.br/bizrevolution/2011/12/o-mundo-das-redes-sociais-.html>>.

sujeito pode criar perfis, banco de dados de assuntos diversos, discussões sobre os mais variados temas, estimular a venda de ideias e de produtos, disseminar informações, padrões de comportamento, bem como um espaço propício para construção e (re)construção de simulacros identitários. E é por meio do/no discurso que as comunidades virtuais podem propiciar ao homem contemporâneo um espaço de reorganização dos mecanismos de expressão, interação e comunicação, o que favorece novas articulações sociais, discursivas, de leitura e de escrita.

Momesso (2005, p. 89) afirma que nos espaços virtuais a constituição do sujeito é redefinida nos discursos que circulam dentro das comunidades virtuais. O sujeito não é real, mas também não é irreal, ou seja, existe a possibilidade de vir a ser ou simplesmente continuar a ser a representação escolhida para ser apresentada no meio digital como um determinado sujeito. Para que a representação do “eu” se efetive nas redes sociais, o usuário vale-se de práticas sociais, de leitura e de escrita para que por meio do/no discurso a sua identidade e seu ser *simulacral* se constitua como um sujeito real/imaginário.

Os usuários das redes sociais em sua maioria são jovens. A utilização das práticas de leitura e de escrita, principalmente as empregadas pelos jovens, em nada se parecem com as do texto impresso, caracterizam-se como fragmentadas, dispersas e pouco densas. Muitos pedagogos, educadores e pesquisas afirmam que o jovem escreve e lê muito mais hoje. No entanto, a prática de leitura e de escrita mais densa e elaborada cede lugar a uma leitura mais rápida, despreziosa e fragmentada. Nesse sentido a leitura de livros mais densos, tais como os literários exigidos para os vestibulares, os filosóficos e textos científico-didáticos, não é a mais comum entre os jovens na faixa etária entre 15 e 20 anos.

Diante do exposto, pretende-se refletir sobre as práticas discursivas, de leitura e de escrita aforísticas em *twitters* de jovens que criam *fakes* de escritores literários para destacar fórmulas discursivas desses autores com os quais se identificam; por meio do dizer do outro constroem simulacros do sujeito contemporâneo.

## TWITTER: ESPAÇO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS, DE LEITURA E DE ESCRITA AFORÍSTICAS

Que práticas discursivas, de leitura e de escrita se fazem no espaço da mídia social do *Twitter*? E como tais práticas constroem o sujeito virtual?

A partir desses dois questionamentos nasceu esta reflexão sobre as práticas de leitura e de escritura feitas em redes sociais na *Web 2.0* por jovens que criam *twitters* com *fakes* de escritores literários, tais como Drummond e Lispector.

Uma jovem, formada em jornalismo, em conversa pelo *MSN* afirma ser viciada em *twitter* e pontua:

**Paula Bastos diz (11h10)<sup>4</sup>**

bom, penso que muitas pessoas fazem *twitter* primeiro por ser modinha, pois muitos nem imaginam como irão usá-lo e pra que serve.

**Paula Bastos diz (11h11)**

outros fazem dele um diário e compartilham coisas pessoais; outros ainda usam para realmente compartilhar informação útil como notícias e tal e outros criam contas justamente para seguir aquilo que lhes interessa e ter um local onde as informações de seu interesse fiquem agregadas.

**Paula Bastos diz (11h12)**

é uma forma de bisbilhotar a vida alheia. é uma rede

---

<sup>4</sup> Paula Bastos da Silva, jornalista, tem a função de analista de mídias sociais na empresa em que atua, mora em São Paulo e possui o *twitter* @parispaula. A citação acima foi retirada de uma conversa informal no *MSN* entre a autora do artigo e a jornalista, a qual deu permissão para usar esta conversa no artigo.

social que te permite interagir com muitas pessoas, que te dá voz.

**Paula Bastos diz (11h13)**

creio que algumas pessoas compartilhem muitas coisas pessoais por solidão ou então para chamar a atenção dos outros. é difícil pensar em um critério de seleção das frases, pois tudo depende do usuário. eu faço um mix de tudo no meu, mas tenho amigos que usam apenas para um propósito.

O discurso descritivo de Silva (2011) retoma a formação discursiva da página do próprio *Twitter*: um espaço de liberdade de expressão dos discursos importantes e de interesse de cada indivíduo e daqueles que fazem parte de sua rede ou de seguidores ou de admiradores ou de amigos. A proposta desta rede e mídia social é de que o usuário escreva em poucos caracteres (máximo 140) o que lhe interessa, o que é importante para ele e para aqueles que o seguem ou seguirão.

A prática discursiva estabelecida por Silva (2011) em seu depoimento sobre o *twitter* coloca como palavras de ordem alguns verbos de ação que representam a chamada, por Bauman, modernidade líquida: compartilhar, seguir, interagir, bisbilhotar (no sentido de ver sem ser visto se quiser), chamar (atenção). Todas as ações remetem à fluidez, ao movimento do mundo moderno, dizer tudo em poucas palavras e em menos tempo, ser notado e se fazer notar, ter o poder de “ser o condutor do seu dizer e do dizer do outro(s)”, ser o condutor da sua leitura e da leitura do outro(s).

A proposta dessa mídia social ancora-se no argumento de que o usuário tem a sua disposição uma ferramenta de alto poder de divulgação e de informação não dada nem administrada por uma instituição de informação, que controla, seleciona e disponibiliza o que acha ser importante. Pelo contrário, o usuário é alçado a ser o “senhor das informações”, a ter o controle sobre o que pretende informar; quem dá e faz a importância do dizer são os usuários. Na página *Twitter central de ajuda* coloca-se

claramente que ter um *twitter*: “É como ter um jornal cujas manchetes são sempre interessantes – você poderá descobrir sobre as notícias mais recentes, saber mais sobre temas e pessoas que são importantes para você, tudo em tempo real”<sup>5</sup>.

Baudrillard (1981), em seu texto *Simulacros e Simulação*, ressalta que vivemos no mundo da proliferação das imagens e da perda da realidade, ou seja, o computador, a internet, a realidade virtual propiciaram a perda do real e a construção do virtual (possibilidade de vir a ser real) no formato de imagens que constroem simulacros e simulações da realidade. A Disneylândia é colocada como o exemplo perfeito de todos os tipos de simulacros. Segundo Baudrillard (1981), ela é construída em um jogo de ilusões e fantasmas, um mundo imaginário que atrai multidões nem tanto pelas fantasias que oferece, mas sim pelo microcosmo social que encarna.

Isto parece ser o caso do *Twitter*, cria-se um simulacro e uma simulação de determinada possibilidade de realidade por meio das práticas discursivas, de leitura e de escrita que é construída nesse espaço. Neste caso, o simulacro é proposto de imediato pelo enunciador da página *Central de ajuda do twitter*, que afirma que o *twitter* é como um jornal, uma empresa de comunicação bem-sucedida que oferece apenas manchetes interessantes, descoberta de notícias recentes, de pessoas, de temas e de saberes sobre tudo o que interessa ao usuário e seus seguidores. Na simulação o grande regente: o diretor, o editor, o pauteiro e o jornalista do importante jornal seriam o próprio *twitter*.

O que sustenta esse simulacro construído em cada *twitter* são as práticas discursivas, de leitura e de escrita que ali se fazem. Para pensar tais práticas em tempos de *Web 2.0* ancora-se nas reflexões de Chartier (1997) de que a revolução digital e seus dispositivos impuseram novas maneiras de ler e escrever, além de rupturas que vão desde a questão da

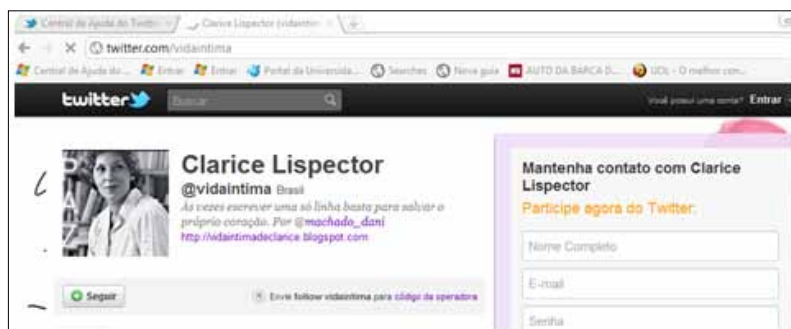
<sup>5</sup> Disponível em: <<http://support.twitter.com/groups/31-twitter-basics/topics/104-welcome-to-twitter-support/articles/262253-twitter-101-como-comecar-a-usar-o-twitter>>.

relação cognitiva com o suporte até a relação entre o corpo e a materialidade do objeto de leitura.

Em sua obra *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, o estudioso trata da reorganização do mundo da escrita após o advento da Internet e das categorias envolvidas nesse processo, tais como: autor, texto, leitor, biblioteca e universalidade. Afirma que a obra não é jamais “a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega a cada vez, um outro significado” (CHARTIER, 1997, p. 70).

Se a obra não é jamais a mesma quando inscrita em outro suporte, tanto a escrita drummoniana e/ou clariceana não serão mais a mesma e, conseqüentemente, a leitura de seus dizeres também não.

Observe-se a apresentação do *twitter* Clarice Lispector @vidaintima no alto da *homepage*:



**Figura 1** - *Homepage* do *twitter.com/vidaintima*.

**Fonte:** <*twitter.com/vidaintima*>.

A simulação de uma voz clariceana, que diz de um lugar seu é chancelada por uma fórmula discursiva do lado esquerdo no alto da *homepage* do *twitter*: “Às vezes escrever uma só linha basta para salvar o próprio coração” e no lado direito um discurso imperativo que sugestiona entrar em contato com a própria voz de Clarice: “Mantenha contato com Clarice Lispector”. A atmosfera simulada e construída, no espaço virtual, é feita por meio da encarnação, da seleção de frases, da escrita e da proposta de se pensar sobre qualquer tema a partir de uma voz clariceana

virtual que aparenta ser real. Na verdade ela é uma hiper-realidade e uma simulação concretizada por uma enunciação aforizante e, como adverte Baudrillard (1981, p. 22):

Por toda a parte, hoje em dia, é preciso reciclar os detritos, os sonhos, os fantasmas; o imaginário histórico, feérico, lendário das crianças e dos adultos é um detrito, o primeiro grande resíduo tóxico de uma civilização hiper-real. A Disneylândia é o protótipo desta função nova no plano mental. Mas do mesmo tipo são todos os instintos de reciclagem sexual, psíquica, somática, que pululam na Califórnia. As pessoas já não se olham, mas existem institutos para isso. Já não se tocam, mas existe a contactoterapia. Já não andam, mas fazem jogging etc. Por toda a parte se reciclam as faculdades perdidas, ou o corpo perdido, ou a sociabilidade perdida, ou o gosto perdido pela comida. Reinventa-se a penúria, a ascese, a naturalidade selvagem desaparecida: *natural food, heath food, yoga*.

O *twitter* clariceano parece reciclar, reinventar a escrita e a leitura de Lispector como se fosse o próprio autor do texto original coordenando essa reinvenção, simula-se a interpretação de sua escrita e obra por meio dos destacamentos de frases importantes. No entanto, as aforizações não foram escolhidas por Lispector, mas sim por um aforizador. De acordo com Maingueneau (2010, p. 14), “A enunciação aforizante implica a utopia de uma fala viva sempre disponível, que atualiza o 'memorável'; enunciando e mostrando que enuncia, ela se dá como parte de uma repetição constitutiva”.

O dizer é ao mesmo tempo clariceano, é uma escrita de Clarice, mas também não o é, pois sua colocação naquele lugar, daquele modo, com aquela escolha foi feita por um outro locutor: o aforizador que:

assume o ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte

transcendente. Ele é considerado como aquele que enuncia *sua* verdade, que prescinde da negociação, que exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma concepção vaga da existência.

Se a aforização implica um locutor que se situa como Sujeito de pleno direito, reciprocamente um Sujeito se manifesta como tal por sua capacidade de aforizar. Trata-se fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e Sujeito no sentido *jurídico e moral*: alguém que se coloca por responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários. [...] Sujeito pleno, o aforizador pode responder por aquilo que diz através da pluralidade de situações de comunicação (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

O nome do *twitter* clariceano @vidaintima parece ter sido criado num primeiro momento para apresentar a vida íntima da escritora, o seu interior, depois para divulgar e instigar os seus seguidores a apreciarem a obra da escritora. Embora não sejam as obras na íntegra que estejam presentes no *microblog*, seus fragmentos o povoam podendo criar uma mudança na maneira de pensar e sentir a obra de Lispector, uma vez que essa modalidade de difusão seja um cabedal de remissões aos textos da escritora.

Ao mesmo tempo em que se tem a divulgação e o marketing de uma escritora morta, traz-se à tona a vivacidade de um dizer literário que parece ser atual, revificado por uma enunciação aforizante de um Sujeito pleno, o aforizador, que conduz a uma leitura desse dizer para uma determinada interpretação. No caso, a prática discursiva que se estabelece no @vidaintima já é direcionada no próprio título, que pressupõe que naquele espaço será revelada a intimidade da escritora, aquilo que ela tem em sua essência. O efeito de sentido provocado é que aqueles que pertencem



cem a esse universo íntimo são poucos e privilegiados, pois só se revela a intimidade para aqueles a quem se tem afeição profunda e amizade.

A prática de leitura estabelecida neste espaço parece corresponder à prática de escrita aforística: lê-se os fragmentos, e estes, por se tratarem de aforizações e por não estarem ligadas a um contexto, são portanto acompanhadas de opacidade que exige do leitor um trabalho interpretativo que deve ir além do que se apresenta na leitura imediata. Atribui-se neste trabalho a esta prática o nome de “leitura aforizante”, que se pode caracterizar como aquela que parte de um enunciado proposicional de valor deôntico, ou seja, o enunciador aforizante determina o direcionamento da interpretação, conforme o enunciado “Às vezes escrever uma só linha basta para salvar o próprio coração. Por @machado\_dani <http://vidaintimadeclarice.blogspot.com>”.

O aforizador @machado\_dani apropria-se do dizer de Lispector e parece impor a interpretação de que não é necessário dizer muito para aquietar o próprio coração, para salvá-lo de algum tipo de problema. Este enunciado foi retirado do livro de Lispector *Um sopro de vida* e no romance o enunciador coloca o que a personagem Ângela faz quando lê e escreve e que ela deve servir de exemplo, o enunciador no romance afirma que quem sabe escrever e ler tem certa vontade de escrever e tem algo a ser dito e que para escrever há que se ter mais do que vontade, deve-se fazer como Ângela escrever sem nenhum compromisso.

Percebe-se nitidamente que, ao destacar apenas a frase: “Às vezes escrever uma só linha basta para salvar o próprio coração”, desloca-se o sentido. A interpretação dessa frase no suporte *twitter* passa a exigir uma leitura que justifique a pertinência do destacamento, o leitor deve legitimar em sua leitura a importância desse dizer que deve ir além daquilo que é imediato. Sendo assim, a prática de “leitura aforizante” vai unindo dos destacamentos os fragmentos para dar sentido e para atestar a simulação daquela realidade ali instaurada: a da intimidade, a do aconselhamento, a da construção da afeição de sujeitos e ao mesmo tempo a da identificação com aquilo que ali se estabelece.

Pode-se também entender que o aforizador do *twitter* tem consciência da adequação do dispositivo virtual ao gênero literário. Pois, ao destacar a frase anteriormente apresentada, aforizador de @vidaintima propõe explicitamente que não é necessário escrever muito e implicitamente ler muito para conhecer e/ou ter contato com a obra literária de Lispector.

Os leitores/seguidores do *twitter* muitas vezes entram em contato indireto com a obra do autor literário por meio de fragmentos textuais, dos trechos que são recortados e *twittados* no *microblog*. Percebe-se que o novo dispositivo da *Web 2.0* – o *Twitter* – e seus princípios interativos possibilitaram transformações na organização da informação e, conseqüentemente, nas relações das pessoas com as práticas de leitura e de escrita e com a comunicação e o conhecimento. No caso analisado anteriormente, o processo de leitura e de escrita aforizante oferece aos seus leitores uma leitura dirigida, pois, ao destacar cada fragmento de obras diferentes, sugere o que é de mais interessante e importante no dizer da autora Lispector. Dessa forma, os seguidores passam a “conhecer” a obra de Lispector sob a perspectiva de um aforizador, que no *twitter* ele se apresenta como uma voz de autoridade para selecionar o que ler e o que refletir de Clarice.

Orlandi (1999, p. 30) argumenta que “os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no como se diz”. Ao levar em consideração que os sujeitos leitores e escritores estão inseridos dentro de determinadas condições de produção e recepção de leitura e de escrita que envolve um contexto ideológico, sócio-histórico e cultural. Pode-se concluir que a leitura aforizante é o retrato da contemporaneidade, pois o sujeito contemporâneo prima pelo minimalismo, pela dinamicidade, pelo movimento, pela fluidez. Assim, a leitura aforizante é dada como algo que tem como proposição ler apenas o que é importante.

É preciso atentar para a pluralidade dos gestos de leitura e reconhe-

cê-los dentro de um espaço polêmico, a partir daí se pode por meio das dispersões, das heterogeneidades, da opacidade das linguagens verificar como se inscreve essa prática de leitura e escrita no *twitter*, quem são esses *escreitores* seguidores, quais efeitos de sentido provocam esses novos/velhos<sup>6</sup> estímulos presentes na leitura do texto digital.

As ideias postuladas por Bakhtin (2003, 2004), em que o “outro”<sup>7</sup> é peça fundamental para o processo dialógico na construção do conhecimento e da inserção no mundo cultural, ideológico e virtual, mostram que o *twitter* se vale desse processo dialógico para que ocorra não só uma nova construção textual, mas também uma “nova” forma de ler e dialogar com a obra literária fora do âmbito da realidade escolar. Bakhtin (2003, 2004) coloca a questão do dialogismo como característica principal da linguagem, princípio constitutivo do sentido. No espaço do discurso o sujeito não é individual e sim social, portanto, em sua voz falam muitas vozes. Na obra de Bakhtin encontram-se duas concepções de dialogismo: uma que trata do diálogo entre interlocutores e outra que se refere ao diálogo entre discursos.

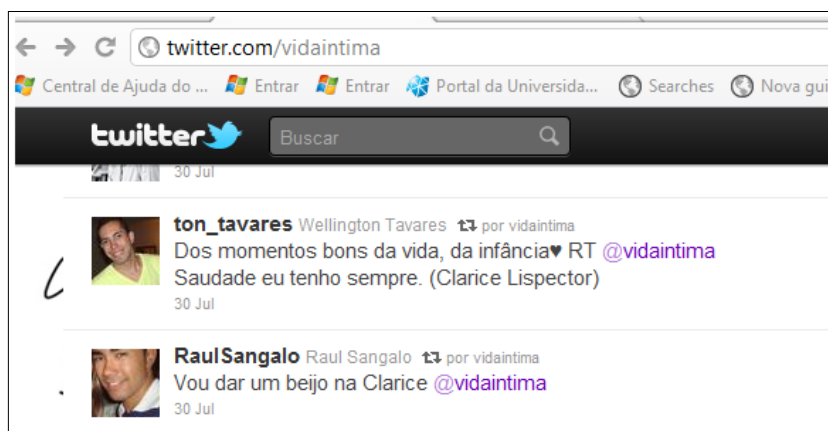
O dialogismo encontra-se explícito no *twitter* sob a forma de citação do discurso do outro e, também, na *retuwitter* dos seguidores que se identificam, ampliam e disseminam essas vozes em outros *twitters*, formando uma grande rede onde transita fórmulas discursivas do discurso clariceano, adaptado ao perfil daquele que construiu a página do primeiro *twitter* e que dialoga com seus pares. Portanto, a questão do diálogo está imanente no *twitter*, pois este pertence a um gênero híbrido e compõe-se de várias facetas, formas e linguagens dentro de um mesmo espaço: fragmentos de textos, fotografias e imagens. No seu tecido

<sup>6</sup> Coloca-se novos/velhos estímulos de leitura, pois em todo gesto de leitura, segundo a perspectiva discursiva, sempre há um *já-lá*. No caso do *twitter* as frases de impacto *twittadas* já se encontravam presentes em forma de aforismos nos diários de papel, mais recentemente em sites especializados em frases feitas, nos jornais impressos e outros.

<sup>7</sup> A Análise de Discurso francesa, derivada de Pêcheux, faz uma distinção entre outro/Outro. O outro (com ‘o’ minúsculo) refere-se ao caráter de identificação no qual o outro é um outro eu, ou seja, um interlocutor. Outro (com ‘O’ maiúsculo) refere-se ao processo de assujeitamento do sujeito, ligado às esferas do inconsciente, da ideologia e do interdiscurso (PÊCHEUX, 1997, p. 177; 230-31).

entrecruzam-se várias vozes, pois ele pode acoplar dentro de si não só vários fragmentos da obra clariceana, mas vários outros fragmentos e discursos com linguagens diferentes. E para que o *escreitor* seguidor possa penetrá-lo, precisará interagir: ligar pontos, unir pistas, entrar dentro de janelas, fazer *links*.

Além da variedade de frases mínimas que são recortadas de obras diferentes da autora e que constituem as vozes dos personagens e dos atores sociais presentes nos contos, nos romances, nas crônicas de Clarice, tem-se um jogo de outras vozes: a dos seguidores, a dos *twitteiros*, a dos leitores silenciosos que vez por outra também colocam-se presentes no espaço virtual. Todo esse processo torna-se um eco da voz clariceana, que aparentemente parece ser uma única voz, a de Clarice, e não a de seus personagens e narradores.



**Figura 2** - Homepage do twitter.com/vidaintima.

**Fonte:** <twitter.com/vidaintima>.

Para demonstrar esse dialogismo, no recorte da *homepage* acima, pode-se perceber o entrelaçar das vozes da Clarice, dos seguidores e da mixagem das vozes clariceana e de sua aforizadora. Os seguidores ora parafraseam os excertos e *retwittando-os* ou simplesmente travam uma conversa como se estivessem dialogando com um ser real, como no caso em que um dos seguidores afirma que irá beijar Clarice, quando na

realidade o beijo é para expressar sua adesão ao conteúdo existente no *twitter* e em sua aforizadora que os selecionou.

A leitura e a escrita aforizantes constituem sempre uma apropriação do discurso do outro, pois no momento em que o aforizador se apropria do dizer do outro, coloca-se como o responsável pela reinvenção do sentido para aquele fragmento de texto.

De acordo com Chartier (1997, p. 77), é justamente isso o que ocorre, quando afirma que “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, “o leitor é um caçador que percorre terras alheias”. Logo, o texto e o discurso virtual mostram-se ao *escrileitor* como um enigma digital (“Decifra-me ou te devoro!”). Estes, por sua vez, estão inseridos numa sociedade competitiva, exigente, que sai à caça das chaves que abrirão as portas do esclarecimento, do desvendamento das terras alheias ou só aparentemente alheias. Porém essa caça não é silenciosa, se dá por meio do diálogo, da revelação de pistas, de *links* entre uma frase e outra, entre a relação de uma obra e outra, na atualização das virtualidades de textos e discursos, da produção de sentido.

Sabe-se também que a prática de leitura e escrita em dispositivos da *web*, tais como os *blogs* e *twitters*, nem sempre consegue atingir a profundidade da leitura de um livro impresso, pois o texto é oferecido em pílulas, em fragmentos da obra original, e nem sempre o *escrileitor* irá ao texto fundador para refletir sobre aquele fragmento dentro de seu contexto geral.

Dessa forma, a leitura do *twitter* pode ser apenas de coleta de informações de um sentido aqui e outro ali e não de reflexão mais profunda, em que se utilize criticamente o sentido recolhido e observado de modo a comparar situações, textos, analisar procedimentos, julgar escolhas, enfim de transformação de visão de mundo do leitor.

A prática de leitura e escrita do texto digital é descontínua, não linear, maleável, possui mobilidade por abrir-se via *hiperlinks* etc. O *escrileitor* é convidado também a modificar, editar, deslocar-se rapidamente

de uma tela a outra, desdobrar arquivos; e todos esses processos podem tornar essas práticas superficiais, sem a profundidade da reflexão sobre as partes do texto com a identidade e a coerência da totalidade textual e discursiva que contém a obra original a que se refere; por exemplo, as frases de impacto colocadas no *twitter* também podem modificar a voz do locutor que não se dá precisamente ao leitor.

Ao pensar no estudo das práticas de leitura e escrita no *twitter*, especificamente de escritores de obras literárias, a principal preocupação é de refletir sobre o efeito desse processo no sentido de aproveitar o interesse pelo dispositivo, para que a prática de leitura comece com a leitura de pequenas “pílulas” de literatura e possa ir além de um banco de dados de frases de impacto, de um vício de ler e repetir frase de efeito, para se transformar em leitura crítica e reflexiva de transformação de conhecimento da obra efetiva do escritor.

### *TWITTER*: UMA FORMA DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Entende-se que é por meio da linguagem e na linguagem que o sujeito se constitui, logo as práticas de leitura e escrita na internet refletem os discursos circundantes no espaço frequentado pelos jovens e, conseqüentemente, o modo de pensar e de dizer de cada um; bem como quais são seus anseios, sentimentos, enfim as subjetividades e identificações construídas no espaço virtual.

O *twitter* é também conhecido como um “micromensageiro”<sup>8</sup>, por sua função de convidar os usuários a responderem à pergunta “O que está acontecendo?” em até 140 caracteres. Com o tempo a pergunta gesta novas perguntas e constrói novas práticas sociais e de comunicação e por conseqüência entende-se que também é uma forma de construção do sujeito contemporâneo. Essa rede social favorece a reconstrução da ima-

<sup>8</sup> Ver site: <<http://www.twitter.com>>. O dispositivo também é tomado na literatura por “*microblog*”, entretanto a forma como os usuários utilizam essa ferramenta faz com que sua representação se aproxime mais de um mensageiro instantâneo.

gem do *twitteiro* ou daquilo que deseja passar para seus seguidores, ou seja, um dispositivo de (re)construção de subjetividades e identificações. O espaço virtual do *twitter* permite ao indivíduo por meio de práticas discursivas (re)construir o “sujeito” ou os “sujeitos” que aparentemente experimentam sua vida e suas relações dentro de uma aura menos excludente e mais libertária, pois a sua subjetividade pode ser projetada de forma real ou simulada/imaginada.

É fato que o *twitteiro* pode por meio da rede social anunciar e propagar suas identificações com os modos de pensar e de dizer de outros, no caso analisado a escritora Clarice Lispector. Ao colocar fórmulas discursivas de autores literários, resume em alguns trechos o seu modo de pensar e ver o mundo, não utilizando sua própria voz, mas sim revestindo-se da voz do outro. O dizer do outro lhe confere coragem para dizer e ao mesmo tempo autoridade e prestígio para se assumir enquanto sujeito discursivo que pensa dessa ou daquela maneira. Ao se apropriar do discurso do outro assume também um status de conhecedor da obra de escritores renomados, admirados e reconhecidos dentro da sociedade pelo seu legado, apropria-se do discurso do outro e constrói para si um novo status de locutor e de identidade.

Apropriar-se do discurso clariceano e mostrar-se um leitor e conhecedor da literatura de Clarice Lispector pode ser a porta de entrada para seu próprio reconhecimento enquanto sujeito leitor de uma literatura refinada, densa, enigmática, instigadora, penetrante e intimista. É sentir-se como um desbravador de enigmas, de mistérios que constroem a aura da escritora. Parece galgar o espaço de ser o “mensageiro”, o “condutor”, o “arauto” de almas que se encontram no ciberespaço à procura de se entender enquanto indivíduo, de conscientizar-se do mundo e da sua relação com ele. Ou de procurar respostas para questões pessoais que se manifestam nos recortes feitos da obra colocados no *twitter*.

O *twitter* @vidaintima parece se adequar à segunda colocação, pois, ao assumir a autoria da página, a *twitteira* machado\_dani coloca um *link* para que seus seguidores ou visitantes da página possam conhecê-la no <<http://vidaintimadeclarice.blogspot.com>>.

Para exemplificar, pode-se observar a seguir:



**Figura 3** – Homepage do blog  
**Fonte:** <<http://vidaintimadeclarice.blogspot.com>>

A *twitteira* do @vidaintima coloca no perfil de seu *blog* em “Quem sou” uma frase muito significativa: “Eu sou uma pergunta”, que sugere a busca de si nas fórmulas discursivas, por ela selecionadas, da obra de Clarice Lispector.

Se a *twitteira* aforizadora é uma pergunta cujas respostas encontram-se nos aforismos, os seus seguidores e leitores são capazes de construir ou identificar suas subjetividades.

Outro aspecto relevante nesse processo de construção de si por meio do discurso do outro é a ilusão da fusão do aforizador com o autor. Essa fusão parece ser tão presente que a *twitteira* machado\_dani se apresenta no *blog Vidaintima* como Dani Lispector. Os seus seguidores e leitores, por sua vez, chancelam essa fusão em que se simula e se confundem duas vozes: a do *twitteiro* aforizador e a de um outro que está respondendo as suas perguntas.

Pode-se concluir que o *twitter* é um recurso minimalista para a construção do sujeito contemporâneo. Devido à imposição dos 140 ca-



racteres para se expressar, o sujeito precisa encontrar-se e obter respostas para si na síntese e naquilo que pensa ser a essência. Isso tudo mostra que vivemos em uma sociedade extremamente limitadora em relação ao tempo e ao espaço de expressão, em que se deve dizer tudo por meio do mínimo. A consequência dessa limitação não favorece o verdadeiro conhecimento do sujeito, pois ele nunca é revelado em sua complexidade, apenas se conhece algumas facetas do sujeito que são dadas a ver no *twitter* em forma de pílulas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia de linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulação e simulacros*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 1981.

CHARTIER, R. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1997.

FÁS DE CLARICE Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa também alimentam páginas em Twitter, Facebook e Orkut. *O GLOBO*. Publicado em 15 mar. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/megazine/mat/2011/03/14/fas-de-clarice-lispector-carlos-drummond-de-andrade-fernando-pessoa-tambem-alimentam-paginas-em-twitter-facebook-orkut-com-trechos-dos-autores-924011270.asp>>. Acesso em: 16 mar. de 2011.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em Análise de Discurso*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P de. (Orgs.). Tradução de Adail Sobral et. al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOMESSO, M. R. Práticas de discurso e de leitura em *blogs* jornalísticos. In: NASCIMENTO, E. F. S.; MOMESSO, M. R.; LOUZADA, M. S. O. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: Editora Unifran, 2006.

\_\_\_\_\_. Sujeito Virtual: o ser entre a simulação e a realidade. *Diálogos Pertinentes! Revista Científica de Letras*, Universidade de Franca, Franca, v. 1, n. 1 p. 88-101, 2005.

MOSER, B. *Clarice*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Ed.Cosac Naify, 2009.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso – Uma crítica a afirmação do óbvio*; tradução Eni Orlandi [et ali]. Campinas. Ed. Unicamp, 1997

SILVA, E. T. (Coord.); FREIRE, F. M. P.; ALMEIDA, R. Q. de; AMARAL, S. F. do. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Paula Bastos da. @parispaula. Disponível em: <<http://twitter.com/parispaula>>. Acesso em: 10 nov. de 2011 às 11h.

@VIDAINTIMA. Disponível em: <<http://twitter.com/vidaintima>>. Acesso em: 20 de setembro 2011.

VIDA íntima de Clarice. Disponível em: <<http://vidaintimadeclarice.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 de set. 2011.